

A RECONSTITUIÇÃO DE PARÓQUIAS E O ESTUDO DOS COMPORTAMENTOS DEMOGRÁFICOS. O EXEMPLO DE UMA PARÓQUIA AÇORIANA: CRIAÇÃO VELHA (1801-1993)

Maria Hermínia Morais Mesquita

Resumo

Reconhecendo vantagens à metodologia Reconstituição de Paróquias em relação à clássica Reconstituição de Famílias, neste trabalho referem-se primeiro os aspectos que se prendem com as várias fases da Reconstituição da Paróquia da Criação Velha, nomeadamente o recurso a inquéritos presenciais e depois apresenta-se a evolução demográfica da população dessa paróquia. Estudando os comportamentos das diferentes variáveis microdemográficas - nupcialidade, fecundidade, mortalidade e mobilidade - bem como das suas interinfluências traçou-se a evolução demográfica desta população ao longo dos séculos XIX e XX. Dessa evolução o comportamento da mobilidade destaca-se porque desde cedo a emigração se afigura como um recurso de equilíbrio bastante procurado. Verifica-se igualmente que a emigração acaba por exceder o seu papel regulador já que se transforma na principal responsável do decréscimo dos efectivos a partir de meados do século passado.

Abstracts

Recognising advantages to the methodology of Parishes Reconstitution to the classic Families Reconstitution, in this work we first reflect the aspects that are connected to the many phases of reconstitution of the Parish of Criação Velha, namely the use of inquiries in presence, and then we present its demographic evolution. Studying the behaviour of the different variables microdemographics - nuptial behaviour, fecundity, mortality and mobility - as well as its mutual influences, we delineated the demographic evolution of this population along the 19th and 20th centuries. From that

evolution the mobility behaviour is detached, because, since early, the emigration is seen as a very demanded equilibrium resource. We equally verify that the emigration ends by exceeding its regulator function, because it transformes, from the middle of last century, on the main responsible of the population decay.

Résumé

En reconnaissant les avantages de la méthodologie Reconstitution de Paroisses par rapport à la classique Reconstitution de Familles, ce travail présente d'abord les aspects liés aux différentes phases de Reconstitution de la Paroisse de Criação Velha, notamment le recours à des enquêtes de présence, suivi de l'évolution démographique de la population de cette paroisse. L'évolution démographique de cette population au long du XIX^e et XX^e siècles a été établie à partir de l'étude des comportements des différentes variables microdémographiques - nuptialité, fécondité, natalité et mobilité - ainsi que leurs interinfluences. Le comportement de la mobilité se détache dans cette évolution par le fait que l'émigration constitue depuis longtemps un recours d'équilibre très recherché. On vérifie ainsi que l'émigration finit par excéder son rôle régulateur puisqu'elle devient la responsable principale de la décroissance des effectifs à partir de la moitié du siècle dernier.

1. Introdução

A *Reconstituição de Paróquias* é um avanço metodológico em relação à clássica *Reconstituição de Famílias* de Fleury-Henry.¹ Se este método permitiu fundamentalmente avançar no estudo da fecundidade no período de Antigo Regime, aquele permite avançar para a abordagem de outros comportamentos demográficos nomeadamente a mortalidade e a mobilidade. A *Reconstituição de Paróquias* oferece ainda a vantagem de se poder trazer a observação dos comportamentos demográficos, em análise microanalítica, até aos nossos dias.

Com base neste método reconstituímos uma paróquia da costa Sul da ilha açoriana do Pico no período que decorre de 1801 a 1993.

1 Veja-se a comparação de resultados obtidos com recurso aos dois métodos e as vantagens do método de Norberta Amorim no trabalho de Ana Silvia Volpi Scott, 1994, «Reconstituição de Famílias e Reconstituição de Paróquias. Uma comparação metodológica» in REHER, David (coord.) *Reconstituição de Famílias e Outros Métodos Microanalíticos para a História das Populações. Estado Actual e Perspectivas para o Futuro*, Actas do III Congresso da ADEH, Vol. 1, Biblioteca das Ciências do Homem, Edições Afrontamento.

Feita a reconstituição pudemos proceder à microanálise da nupcialidade, fecundidade, mortalidade e mobilidade. Neste artigo, que é o resultado de um trabalho de investigação prolongado e minucioso (Mesquita, 1995), propomo-nos apresentar: 1) alguns aspectos que se prendem com o processo de Reconstituição; 2) aspectos relevantes dos comportamentos demográficos observados bem como das suas interinfluências.

2. Sobre o Processo de Reconstituição

Seguindo as etapas indicadas pela autora do método² construímos uma base de dados recorrendo ao cruzamento dos registos de baptismo, casamento e óbito para um período de quase 200 anos. Para o período de 1801 (data a partir da qual a paróquia dispõe de registos) até 1910 consultámos os livros existentes no Arquivo Distrital da Horta e na Conservatória do Registo Civil da Madalena. Para o período posterior a 1911 optámos por continuar a consultar os livros paroquiais que se encontram na igreja da paróquia e que estão à guarda do respectivo pároco. Esta nossa opção tem a ver com um conjunto de razões: 1- encontrar um pároco que, sensível à importância dos estudos desta natureza, prontamente nos facultou o acesso aos livros pretendidos; 2- haver uma cobertura sistemática do período e os livros encontrarem-se em bom estado de conservação; 3- tratar-se de uma comunidade onde a igreja continua a estar associada aos grandes momentos da vida do indivíduo (nascimento (baptismo), casamento e óbito); 4- oferecer uma economia de tempo relativamente ao registo civil.

Terminada a etapa de recolha e cruzamento dos dados retirados dos assentos de baptismo, casamento e óbito i.e. construídos os ficheiros de Famílias e de Indivíduos constatámos que para podermos fechar³ quer as fichas de família quer as fichas de indivíduos precisávamos de dispor de informação sobre o destino dos indivíduos

2 Entre outras obras da autora é importante conhecer: AMORIM, M. Norberta, 1991, *Uma metodologia de reconstituição de paróquias*, Universidade do Minho, Braga.

3 Fechar fichas é atribuir-lhe uma data de fim de observação. No caso das fichas de família é a data em que desaparece em primeiro lugar um dos progenitores (óbito ou saída da paróquia); no caso do indivíduo é a data do seu óbito ou da sua saída para o exterior.

que haviam nascido nos últimos 100 anos e para alguns dos quais não encontrávamos registo de óbito. Para obviar esta dificuldade recorreremos a inquéritos presenciais na paróquia. Escolhemos para informantes um casal cuja idade e situação socio-profissional na paróquia (ambos naturais da paróquia e aí a exercerem a profissão de professores primários) nos indiciava a garantia de uma memória genealógica que de facto as sucessivas entrevistas vieram confirmar. Esta etapa permitiu, de facto, saber quais os indivíduos que haviam saído da paróquia e quais os que continuavam aí a residir.

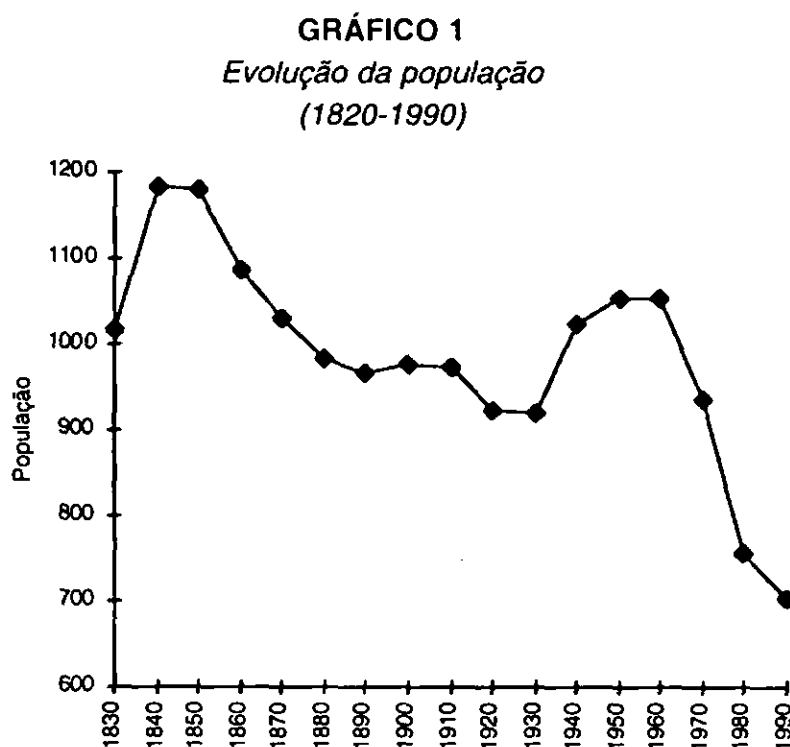
Nas sucessivas fases do trabalho de *reconstituição da paróquia* é de extrema importância desenvolver um trabalho atento de crítica e de cruzamento de fontes. Assim, as dificuldades encontradas relativamente à identificação dos indivíduos, devido a ausência de referências aos avós, não indicação do cônjuge no registo de óbito de viúvas, mudanças de apelidos, casais homónimos, indicação pouco rigorosa das idades, foram relativamente fáceis de superar à medida que íamos fazendo o cruzamento das fontes. Demos por reconstituída a paróquia quando, depois de um minucioso trabalho de identificação de indivíduos tínhamos organizada a informação de forma a dispormos de um ficheiro de famílias e de um ficheiro de indivíduos (ficheiro este que contém, além dos indivíduos referidos no quadro das famílias legítimas, os ilegítimos, os expostos e todos aqueles que não sendo oriundos da paróquia aqui faleceram). Deparamos com situações diversas: famílias estáveis e famílias não-estáveis na paróquia, indivíduos cujo percurso de vida podemos acompanhar do nascer ao morrer e indivíduos cujo percurso só é possível acompanhar em um ou outro acto vital. Esta diversidade de situações levou-nos a classificar as famílias em sete tipos diferenciados e a convencionar datas de «início» e ou «fim de observação», nos termos expostos pela autora do método de *reconstituição de paróquias* (Amorim, 1992: 13-38). Este procedimento tornou-se indispensável para o tratamento da Fecundidade e para a abordagem da Mobilidade.

Na passagem do ficheiro de famílias ao ficheiro de indivíduos tornou-se fundamental o recurso ao computador. O computador é também indispensável a quando da análise das diversas variáveis demográficas.

3. Sobre os comportamentos demográficos observados

Dispondo de uma base de dados contendo trajectórias de vida, numa observação de longa duração, pudemos, com recurso à micro-análise, estabelecer uma periodização adequada e acompanhar o processo demográfico desta população fazendo o estudo das diferentes variáveis.

Num primeiro olhar de conjunto ao volume desta população ficámos com a imagem das mutações ocorridas no decorrer do longo período que reconstruímos.



O gráfico construído a partir dos residentes estimados⁴ dá-nos essa imagem. A um crescimento até 1850 seguiu-se: um decréscimo até 1880; uma quase estabilização até 1910; um novo decréscimo até 1930; um último fôlego de crescimento até 1960; e por fim a

4 Não dispondo de Róis de Confessados e começando os registos em 1801, para cobrir todos os eventuais residentes, mesmo os mais idosos, seria mais seguro fazer as contagens a partir dos fins do século passado. No entanto, uma vez que conseguimos identificar a grande maioria dos indivíduos para os quais só possuímos registo de óbito consideramos possível fazer essa estimativa a partir de 1820.

queda contínua que se prolonga até aos nossos dias. A microanálise das variáveis demográficas - nupcialidade, fecundidade, mortalidade e mobilidade - que se interinfluenciam ajudam a identificar e compreender essas mutações.

Passaremos a apresentar alguns indicadores dessas variáveis na intenção de conhecer alguns aspectos da sua evolução bem como das dinâmicas que entre si se estabeleceram.

3.1. A Nupcialidade

Qual a propensão para o matrimónio na Criação Velha? A análise de alguns indicadores ajudar-nos-ão a encontrar uma resposta.

Pelo gráfico «movimento dos casamentos» verificamos que este fenómeno descreve oscilações que não deixam certamente de reflectir as variações no acesso ao casamento, na idade média ao primeiro casamento e nos efectivos de cada geração.

3.1.1. Idade média ao primeiro casamento

Num estudo transversal,⁵ a partir de observações decenais e utilizando médias móveis de três decénios, determinámos três períodos: 1850-1899; 1900-1969; 1970-1993. Para cada um destes períodos calculámos os valores da idade média com que casavam, pela primeira vez, os indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino valores que apresentamos no quadro 1, acompanhados da correspondente representação gráfica.

QUADRO 1
Idade média ao primeiro casamento

<i>Períodos</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>
1850-1899	30,66	27,64
1900-1969	27,29	24,12
1970-1993	24,46	21,83

5 A análise transversal recai sobre o período de 1850 a 1993 e embora elimine os primeiros 50 anos (50 anos é a idade convencional para o celibato definitivo) permite o seu estudo até final do período em observação.

GRÁFICO 2
Movimento dos Casamentos (Médias móveis de 9 anos)

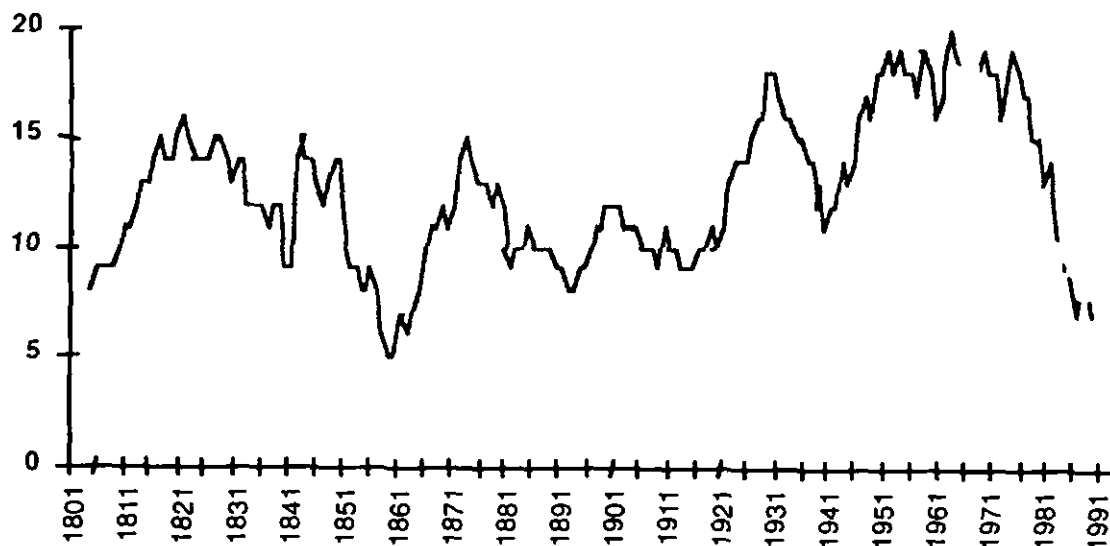
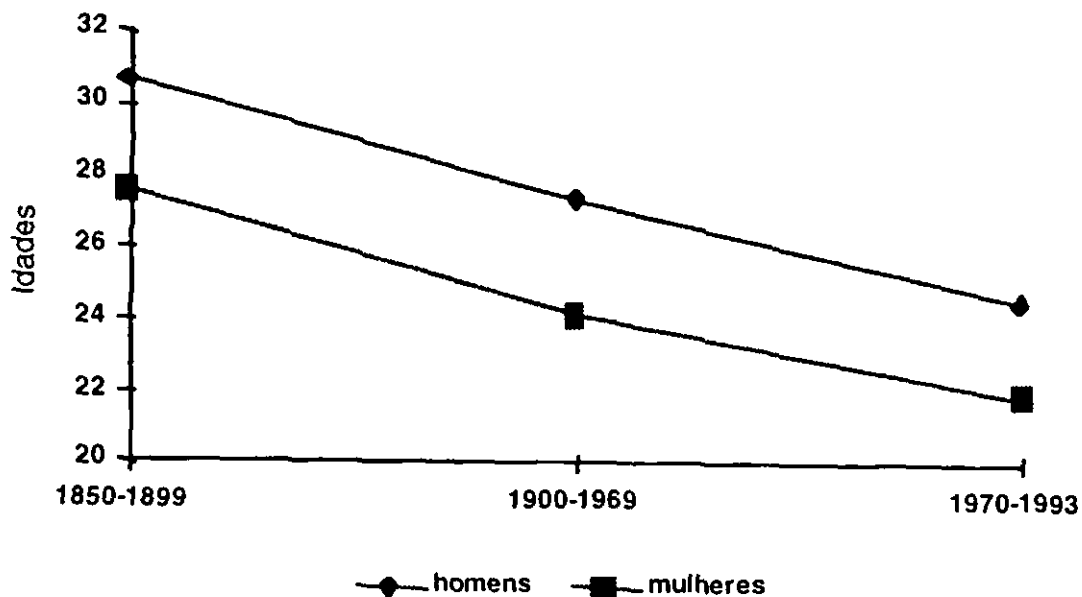


GRÁFICO 3
Idade média ao 1º casamento



Pela idade média ao primeiro casamento constatamos que aqueles que contraíam núpcias o faziam numa idade normalmente tardia. O quadro 1 e o gráfico 3 mostram realmente que, apesar de se verificar uma tendência contínua e sensivelmente paralela de descida para ambos os sexos, a idade média ao primeiro casamento se manteve tardia até meados do nosso século, sobretudo para os homens.

3.1.2. Recasamento

QUADRO 2
Viuvez e ulterior casamento

Períodos	HOMENS			MULHERES		
	Enviuvaram Nº ABS	Casaram depois Nº ABS	%	Enviuvaram Nº ABS	Casaram depois Nº ABS	%
1801-1849	82	33	40,2	96	11	11,5
1850-1899	61	8	13,1	110	2	1,8
1900-1969	82	8	9,8	132	1	0,8
1970-1993	27	0	0	74	0	0

A partir do indicador «viuvez e ulterior casamento» notamos que o recasamento, embora mais propício aos viúvos do que às viúvas, não era muito frequente: apesar de, na primeira metade do século passado, o recasamento masculino ter ultrapassado os 40%, percentagem muito significativa, por si só e sobretudo quando comparada com os 11,5% do recasamento feminino, a verdade é que na segunda metade do século XIX e ao longo do nosso século foram diminuindo os casos de recasamento, para ambos os sexos, não tendo recasado nenhum daqueles que enviuvaram entre 1970 e 1993. A esta escassez de recasamentos não deve ser estranha a idade tardia em que se enviuvava: a idade média à viuvez foi, entre 1850-1889, 1900-1969 e 1970-1993, de 60,5, 66,4 e 72,1 anos de idade para o sexo masculino e de 59,5, 63,8 e 68,4 anos para o sexo feminino respectivamente. No primeiro período 78,6% dos homens que ficaram viúvos e 76,9% das mulheres que enviuvaram tinham cinquenta anos ou mais, no segundo período essa percentagem foi de 86,7 para os homens e de 81,9 para as mulheres enquanto que no último período atingiram os 96 e os 91,3% respectivamente.

3.1.3. O celibato

O celibato definitivo indica-nos que, até meados do nosso século, o acesso ao casamento não esteve ao alcance de todos: uma parte importante de homens e mulheres, sobretudo destas, ficavam por casar.

QUADRO 3
Celibato definitivo. Observação transversal

Períodos	HOMENS			MULHERES		
	Totais	Solteiros	%	Totais	Solteiras	%
1850-1899	87	9	10,3	107	32	29,9
1900-1969	215	28	13,0	329	94	28,6
1970-1993	121	8	6,6	107	12	11,2
1850-1993	423	45	10,6	543	138	25,4

O comportamento da nupcialidade não deixou, certamente, de se reflectir na fecundidade tanto mais que a reprodução biológica desta comunidade se fazia normalmente dentro do casamento como se pode comprovar pelo quadro «Filiação natural e enjeitados».

QUADRO 4
Filiação natural e enjeitados (%)

Períodos	Filiação natural	Enjeitados	Fil. nat. + Enj.
1801-1879	4,5 (110)	1,2 (29)	5,7
1880-1919	0,8 (7)	0	0,8
1920-1993	0,7 (10)	0	0,7

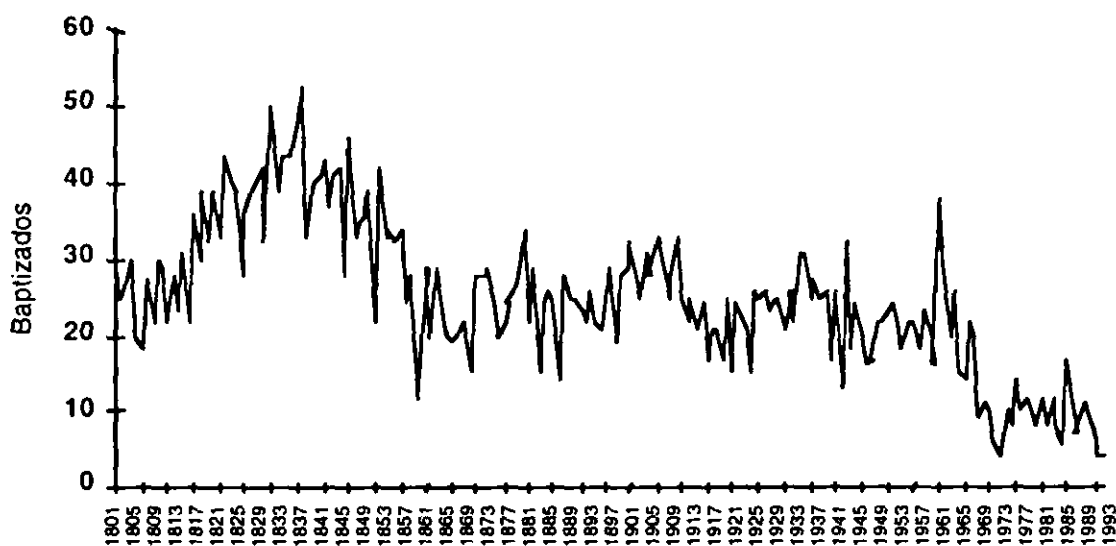
Os dados patentes no quadro confirmam a pouca expressividade que a ilegitimidade e o abandono de crianças assumiam nesta comunidade.

3.2. A Fecundidade

Variando entre os 53 nascimentos ocorridos no ano de 1837 e os quatro nascimentos, registados por três vezes a partir de 1973, o movimento anual de baptizados apresenta como característica mais notória a sua constante irregularidade.

Desigual, ano a ano, o movimento de baptizados mostra um crescimento, apesar de algumas hesitações, até à década de 1840. A descida então iniciada, no volume de nascimentos, prolonga-se por três decénios conhecendo a partir daí um patamar que se estende até finais do século. O século XX, mostrando-se no seu começo favorável

GRÁFICO 4
Movimento de baptizados



ao crescimento, acabou por ficar marcado por fases de abrandamento, interrompidas por crescimentos oscilantes, e pela queda brusca de nascimentos que se verificou ao longo dos anos sessenta.

Como explicar esta evolução? E em que medida reflecte alterações a nível da fecundidade legítima?

3.2.1. Taxas de fecundidade legítima por grupos de idades e idade média da mãe ao nascimento do último filho

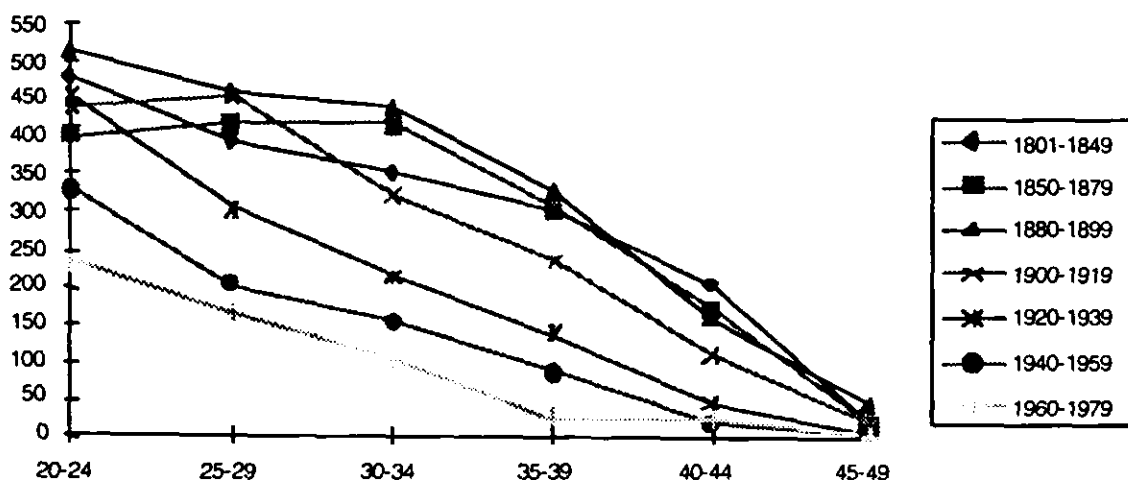
Visando perspectivar possíveis alterações comportamentais do ritmo de reprodução dos casais estabelecemos uma periodização, que teve em conta o volume de observações disponíveis, e utilizamos como indicadores as taxas de fecundidade legítima por grupos de idade; a descendência teórica (D.T.) i.e. o número médio de filhos por mulher; a idade média da mãe ao nascimento do último filho, em famílias *completas*, ou seja aquelas famílias cuja convivência conjugal atingiu ou ultrapassou a idade fértil da mulher.

Não incluímos as taxas de fecundidade para o grupo de idades inferiores a 20 anos devido à escassez dos dados disponíveis que acabariam por desvirtuar as taxas para esse grupo de idades e a descendência teórica.

QUADRO 5
Idades da mulher dos 20-49 (mil mulheres)

Periodos	Obs	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	D.T.
1801-1849	96	477	394	350	301	201	14	8,68
1850-1879	102	402	416	415	304	169	17	8,61
1880-1899	71	516	461	437	325	154	40	9,66
1900-1919	61	437	457	323	236	110	16	7,89
1920-1939	91	454	303	214	137	44	3	5,77
1940-1959	105	328	203	153	83	16	2	3,92
1960-1979	44	234	166	103	26	21	0	2,76

GRÁFICO 5
Taxas de fecundidade legítima por grupos de idades
Idades da mulher dos 20-49
(mil mulheres)



Pelos valores das taxas de fecundidade legítima e da descendência teórica perspectivam-se, fundamentalmente, duas fases no comportamento reprodutivo desta população. A primeira fase, que se prolonga até final do século passado, corresponde a uma fecundidade não controlada ou incipientemente controlada. A segunda fase, no século XX, regista uma gradual e progressiva afirmação do recurso a práticas malthusianas que se vai estendendo a todos os grupos de idades.

Se pormenorizarmos a nossa observação notamos que para finais do século XIX há, sobretudo nos últimos grupos de idades, indícios de que possivelmente já se recorria ao controlo de nascimentos.

As tendências anunciadas pelas taxas de fecundidade legítima e pela D.T. são corroboradas pelos valores encontrados, nos mesmos períodos, para a idade média da mãe ao nascimento do último filho.

QUADRO 6

Idade média da mãe ao nascimento do último filho. (Famílias completas)

<i>Períodos</i>	<i>Obs</i>	<i>Idade Média</i>
1801-1849	69	40,9
1850-1879	87	40,21
1880-1899	55	40,82
1900-1919	52	37,89
1920-1939	80	33,79
1940-1959	95	31,54
1960-1979	27	30,32

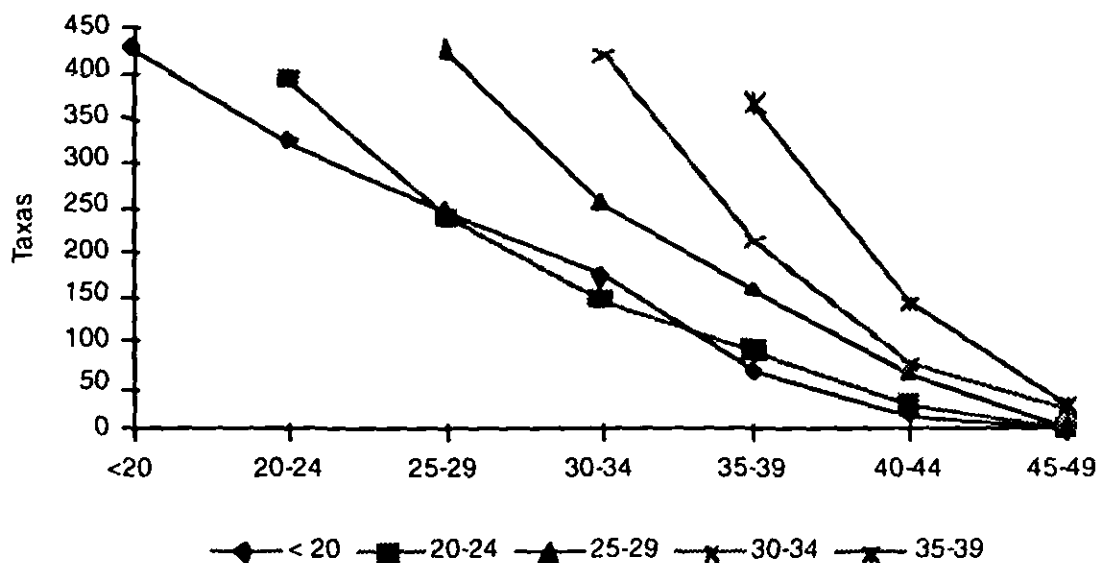
Pelo quadro idade média da mãe ao último filho detecta-se nitidamente que a primeira fase, de «fecundidade natural», se prolonga até 1899 com as mulheres a terem, em média, o último filho depois dos 40 anos. A segunda fase, o século XX, caracterizada por uma fecundidade controlada, regista uma progressiva e acentuada quebra da idade média da mãe ao nascimento do último filho: se do último período do século passado para o primeiro do nosso século o abaixamento é de quase 3 anos, quando chegamos a 1979 a diferença em relação ao início do século é de mais de 7 anos. Certamente esta quebra na idade média da mãe ao nascimento do último filho reflecte uma maior e mais eficaz utilização de meios anticonceptivos.

3.2.2. Taxas de fecundidade legítima segundo a idade ao casamento da mulher

Ocorrendo o primeiro casamento, mesmo para a mulher, normalmente em idades tardias, qual a influência da idade ao casamento na fecundidade em cada uma das fases do comportamento reprodutivo já identificadas?

GRÁFICO 6-A

Taxas de fecundidade legítima segundo a idade ao casamento (mil mulheres)
Segundo período (1900-1979)



Em ambos os períodos, o grupo de idades em que a mulher casa é aquele em que se regista um nível mais elevado de fecundidade. O segundo valor mais alto das taxas encontra-se no grupo de idades a seguir ao casamento. Nos cinco anos a seguir o valor das taxas sofre uma redução considerável. Isto deve-se certamente, como sublinhou Norberta Amorim (1992:131), ao facto de o intervalo protogenésico ser naturalmente mais curto do que os intervalos intergenésicos e de mesmo em período malthusiano se começar, mais frequentemente, a limitar os nascimentos depois do casal ter o número de filhos considerado compatível.

Comparando o primeiro com o segundo período, constatamos que o potencial reprodutor da mulher, accionado até aos 49 anos de idade, foi diminuindo de forma mais moderada, desde o grupo de idades onde casou, no primeiro período, fase de «fecundidade natural», do que no segundo período.

No primeiro período a diminuição gradual das taxas de fecundidade, de uns grupos de idade para os outros, relacionar-se-ia com o abrandamento do ritmo reprodutor da mulher e com o uso, consciente ou não, de estratégias indirectas como são o aleitamento prolongado, a redução das relações sexuais.

No segundo período a queda das taxas de fecundidade, a seguir ao grupo de idades em que se casa, é mais brusca: quanto mais cedo

casam mais cedo deixam de procriar. Este comportamento denuncia estratégias directas e deliberadas dos casais para limitar o tamanho da sua descendência. Isto só se tornou possível graças à maior difusão do uso de métodos «não naturais» de contracepção.

3.2.3. Número de filhos nascidos por união

Para determinar o número de filhos por união considerámos todas as famílias com início e fim de união conhecidos independentemente da idade da mulher ao casamento. Estudámos e comparámos as famílias fecundas e infecundas, seguindo a periodização determinada para as taxas de fecundidade legítima.

QUADRO 8

Repartição das famílias segundo o número de filhos

Nº Filhos	1801-49	1850-79	1880-99	1900-19	1920-39	1940-59	1960-79
0	18	17	17	12	4	10	7
1	17	10	5	5	17	23	12
2	13	9	4	5	8	31	16
3	20	8	2	7	15	15	6
4	20	9	5	2	16	11	1
5	21	10	2	10	11	8	0
6	36	11	5	7	8	5	2
7	34	13	4	7	5	4	0
8	21	9	5	7	3	1	0
9	16	4	10	4	1	0	0
10	16	2	4	0	3	1	0
11	4	1	4	1	3	1	0
12	2	2	2	2	0	0	0
13	0	2	3	0	0	0	0
14	0	0	1	0	0	0	0
15	1	0	0	0	0	0	0
16	0	0	1	0	0	0	0
<i>% de Famílias Infecundas</i>							
	7,5	15,9	23,0	17,4	4,3	9,1	15,9
<i>Média de filhos / família</i>							
	5,4	4,5	5,6	4,5	4,0	2,7	1,8
<i>Média de filhos / família fecunda</i>							
	5,9	5,4	7,3	5,5	4,2	3,0	2,1

O quadro mostra-nos que a infecundidade, a média de filhos por família e a média de filhos por família fecunda são comportamentos com algumas oscilações de período para período.

Uma vez mais se nota que no último período do século XIX, 1880-1899, a fecundidade foi a mais elevada de toda a observação com 5,6 e 7,3 filhos, em média, conforme se considerem apenas as famílias fecundas ou todas as famílias.

Ao longo do século XX a dimensão cada vez menor da família (veja-se a média de filhos/família e de filhos/famílias fecundas) reflecte, uma vez mais, a afirmação consequente dos comportamentos malthusianos.

Sabendo-se que os níveis de fecundidade, sobretudo em período não-malthusiano, estão relacionados com a idade média ao primeiro casamento da mulher podemos tentar relacionar os comportamentos apresentados (quadro 8) com a evolução da nupcialidade. Na segunda metade do século XIX o menor número médio de filhos (encontrado em 1850-1879) coincide com o período em que se encontrou para a mulher, relativamente a toda a observação, a mais elevada idade média ao primeiro casamento (28,8 anos). Em 1880-1899 o alargamento do número médio de filhos coincide com uma descida na idade média ao primeiro casamento (26,1 anos).

Outro aspecto a salientar é o nível de infecundidade, o mais alto de toda a observação, registado precisamente em 1880-1899 (23% dos casais). A idade média ao primeiro casamento, apesar da descida em relação ao período anterior, continuando elevada pode ser uma explicação para estes valores da infecundidade.

3.2.4. Duração das uniões

Nesta observação consideramos todos os casais com início e fim de união conhecidos, independentemente da idade com que casa a mulher e do número de casamento de um ou outro cônjuge.

A primeira ideia que recolhemos da observação da duração média das uniões é que, à excepção do período de 1880-1899, os casamentos foram progressivamente alargando a sua duração. Outro aspecto que se salienta é que, em qualquer dos períodos considerados, as uniões são bastante duradouras: os 54% de casamentos com 30 ou mais anos de duração chegam aos 65% nos dois perí-

QUADRO 9
Duração das uniões

Intervalo (anos)	1800-1849		1850-1879		1880-1899		1900-1919		1920-1939		1940-1959	
	nº	nº	nº	nº	nº	nº	nº	nº	nº	v	v	nº
0-4	19	8	4	4	6	8	3	4	3	3	1	1
5-9	19	8	5	5	4	5	2	3	0	0	2	2
10-14	17	7	5	5	3	4	2	3	2	2	1	1
15-19	22	9	7	7	5	7	3	4	6	6	2	2
20-24	17	7	6	6	5	7	5	7	4	4	6	6
25-29	16	7	10	9	3	4	6	9	5	5	12	11
30+	129	54	69	65	48	65	48	79	74	75	85	78
Totais	239	100	106	100	74	100	69	100	94	100	109	100
Média	28,3		32,1		30,9		33,3		35,4		36,4	

odos seguintes para alcançarem percentagens iguais ou superiores a 75% nos restantes períodos.

A duração alongada das uniões reflecte, por certo, taxas de mortalidade adulta bastante favoráveis, assim como um aumento da esperança de vida e um abaixamento da idade média ao casar.

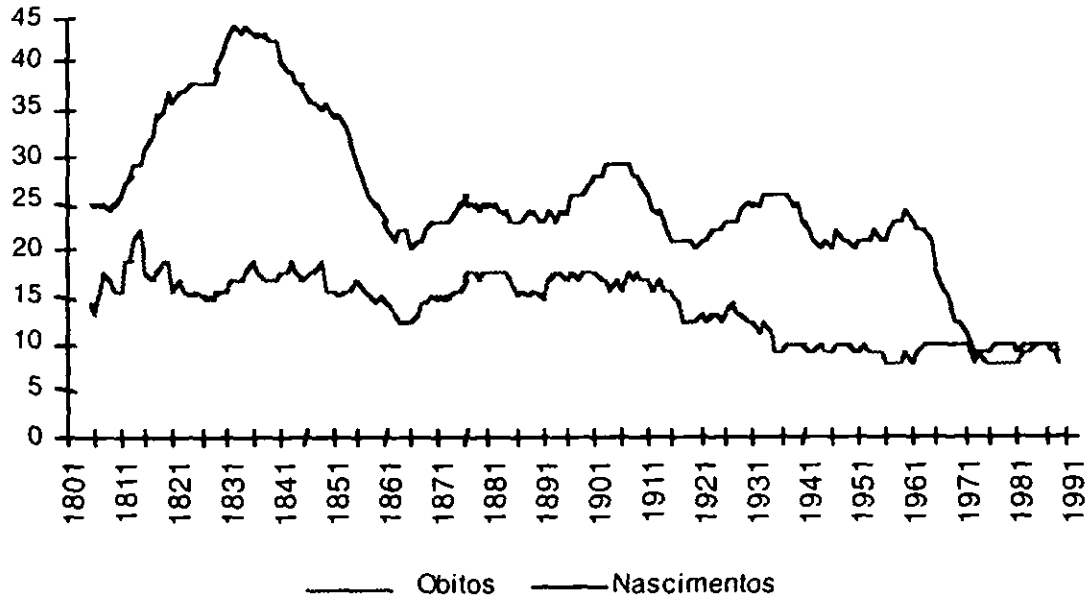
3.3. A Mobilidade e a Mortalidade

Tendo visto, pelo estudo da fecundidade, que esta população teve comportamentos reprodutivos não controlados até finais do século passado e incipientemente controlados durante boa parte do nosso século torna-se necessário conhecer os níveis de mobilidade e de mortalidade para se poder avaliar do impacto regulador destas duas variáveis na dinâmica evolutiva da população da Criação Velha.

A observação comparativa da evolução dos nascimentos e óbitos, expressa no gráfico, mostra-nos que esta população apresentou sempre saldos fisiológicos positivos. Mas se considerarmos a evolução do volume de residentes percebemos que esses saldos positivos nem sempre se traduziram em crescimento real da população.

Este quadro, com os totais de residentes estimados para o primeiro ano de cada década, indicia os efeitos da emigração não só no volume da população, mas também na sua composição: as relações de masculinidade (RM) alertam-nos para uma emigração diferencial por sexos variável ao longo da observação.

GRÁFICO 7
Nascimentos e Óbitos
(Médias móveis de 9 anos)



QUADRO 10
Evolução do volume de residentes por sexos.

Anos	Homens	Mulheres	Total	RM	Ano	Homens	Mulheres	Total	RM
1820	353	395	748	89	1910	455	519	974	88
1830	485	531	1016	91	1920	450	475	925	95
1840	562	621	1183	90	1930	460	460	920	100
1850	561	618	1179	91	1940	513	510	1023	101
1860	484	611	1095	79	1950	524	530	1054	99
1870	448	582	1030	77	1960	511	548	1059	93
1880	426	557	983	76	1970	465	472	937	99
1890	428	540	968	79	1980	383	375	758	102
1900	458	519	977	88	1990	364	338	702	108

3.3.1. A Emigração

Que relação se poderá estabelecer entre cada uma das cinco fases da evolução da população da Criação Velha, aqui esboçadas, e a emigração?

Até 1850 é visível uma fase de crescimento. Seria o resultado de um crescimento natural caracterizado por elevadas taxas de nascimentos e taxas de mortalidade moderadas;

De 1850 a 1890 há um claro decréscimo. Ora não havendo alteração significativa nas taxas de fecundidade e mantendo-se as taxas de mortalidade moderadas, o decréscimo resulta certamente das saídas por emigração. Nesta época a crise dos vinhedos terá ampliado o movimento migratório já que a paróquia baseava parte importante da sua economia na exploração da vinha.

De 1890 a 1930, fase de quase estagnação apesar de algumas oscilações (com taxas de fecundidade acusando, já em alguns grupos de idades, um controlo, ainda que incipiente, dos nascimentos e com taxas de mortalidade moderadas, a estagnação verificada neste período continua a denunciar movimentos de emigração);

De 1930 a 1960, nova fase de crescimento (com taxas de fecundidade denunciando um controlo mais generalizado e eficaz acompanhadas de uma mortalidade que continua suave, o crescimento da população reflecte um período em que a emigração foi, com certeza, fortemente contrariada). Segundo Jorge Carvalho Arroiteia (1983: 21-22) a partir de 1912 até 1950, devido a vicissitudes que marcaram o nosso século (os dois conflitos mundiais intervalados pela crise económica dos anos trinta), a emigração portuguesa sofreu várias quebras;

Por fim, de 1960 a 1993 novamente uma fase de decréscimo que reflecte, certamente, não só a descida das taxas de natalidade, consequência de um controlo da fecundidade mais eficaz, mas também os efeitos da emigração que se seguiu ao vulcão dos Capelinhos de 1957.

3.3.1.1. A migração por gerações

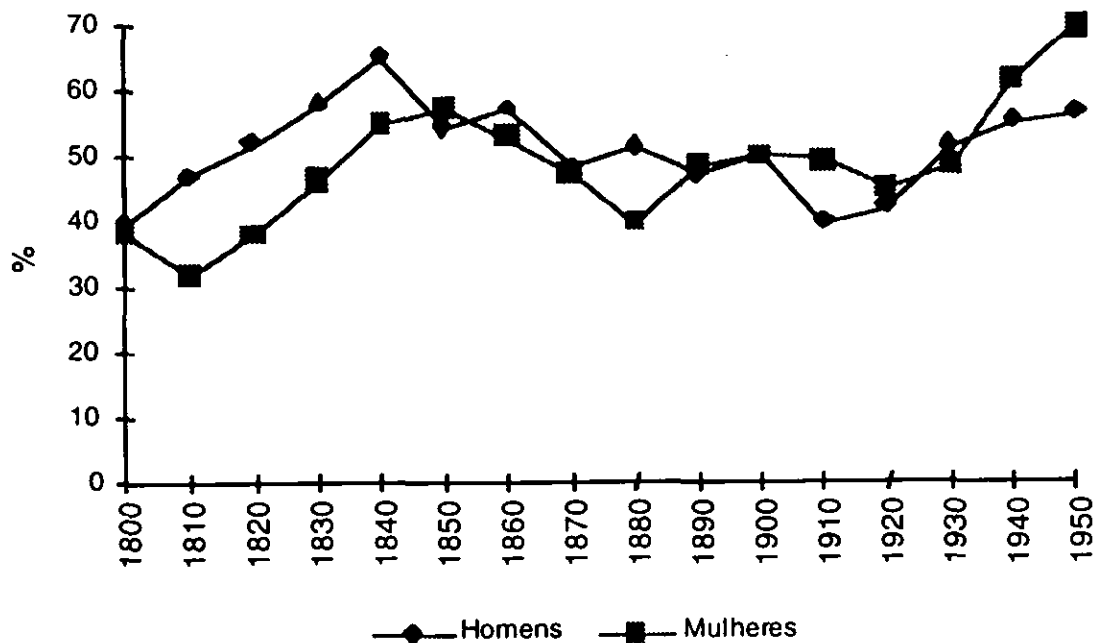
Observámos as gerações nascidas década a década até 1950 garantindo assim as hipóteses de seguir os indivíduos que, nascidos nessa década, quiseram ou puderam migrar por sua iniciativa.

Em cada geração e por sexo observamos os que saíram antes de completar os vinte anos; os que partiram isolados (por convenção os vinte anos é a idade de independência); e o número daqueles que saíram depois dos vinte anos.

O resultado desta observação é o que se apresenta nos gráficos seguintes.

Sujeita a significativas saídas de efectivos, em cada geração, a paróquia que atingira o seu máximo de nascimentos na década de 1830 (uma diferença de mais de 100 nascimentos, em cada sexo, em

GRÁFICO 8
Total de emigrados
Percentagem em relação aos nascidos



relação à década de 1800) volta em 1890 a um número de nascimentos semelhante ao do início do século. A saída de efectivos traduz-se em percentagens que variaram, para os homens, entre os 40% (1801) e os 65% (1840) e para as mulheres entre os 32% (1810) e os 61% (1940).

O gráfico «Total de emigrados» evidencia as elevadas percentagens de saídas que afectaram as gerações observadas e mostra que a migração diferencial por sexos foi variando: se até 1840 as gerações foram afectadas maioritariamente pelas saídas masculinas o mesmo não acontece nas gerações seguintes. A migração feminina aproximou-se da masculina, igualou-a e até a ultrapassou (sobretudo a partir de 1900).

A análise da migração diferencial por grupos de idades (menores de 20 anos; 20 anos ou emigrantes isolados; maiores de 20 anos) apresenta também aspectos interessantes.

Observa-se que: 1) em todas as gerações a proporção de homens que partiram da paróquia em situação de isolados foi sempre superior à das mulheres; 2) os movimentos de descida e de subida da emigração desenham tendências similares em ambos os sexos à excepção das décadas de 1850, 1860, 1880 e 1890 em que as tendên-

GRÁFICO 9

*Emigração dos menores de 20 anos
Percentagem em relação aos nascidos*

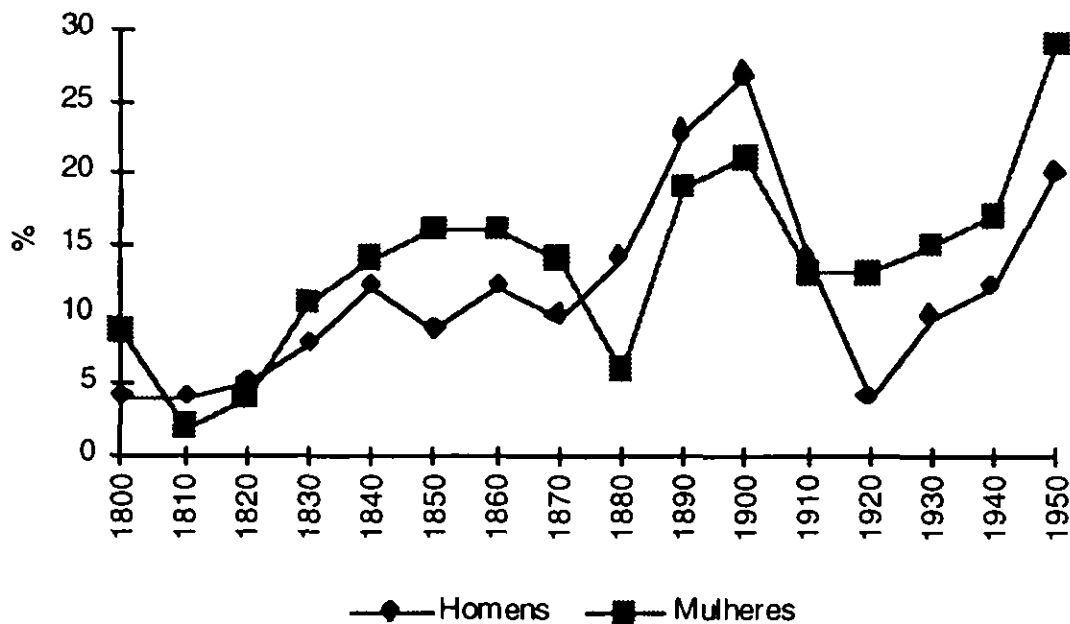


GRÁFICO 10

*Emigração isolada
Percentagem em relação aos nascidos*

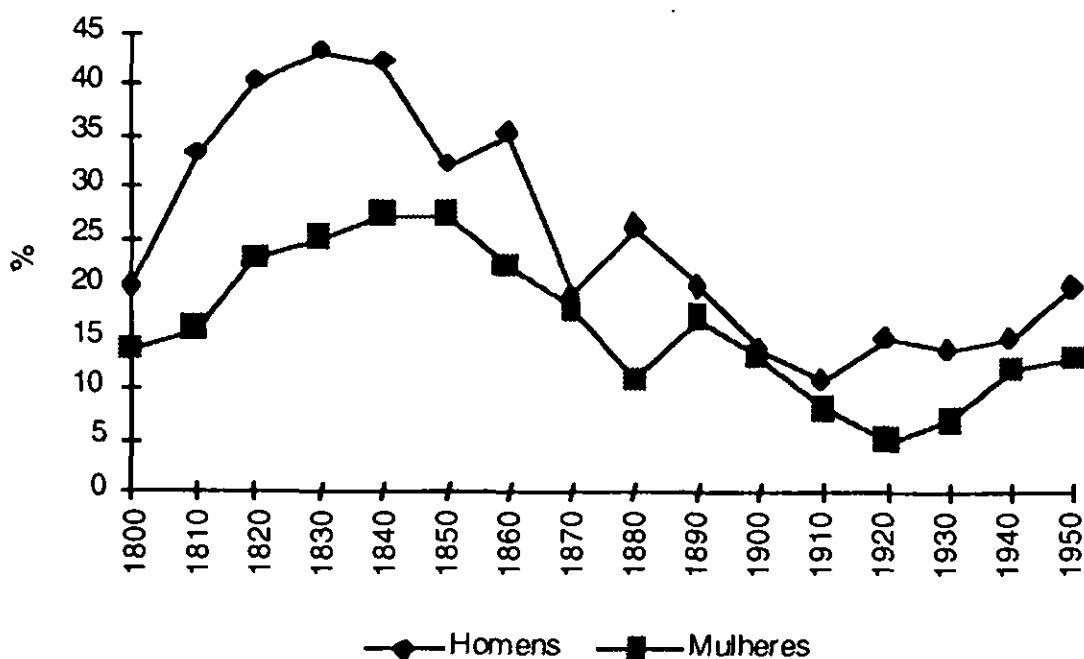
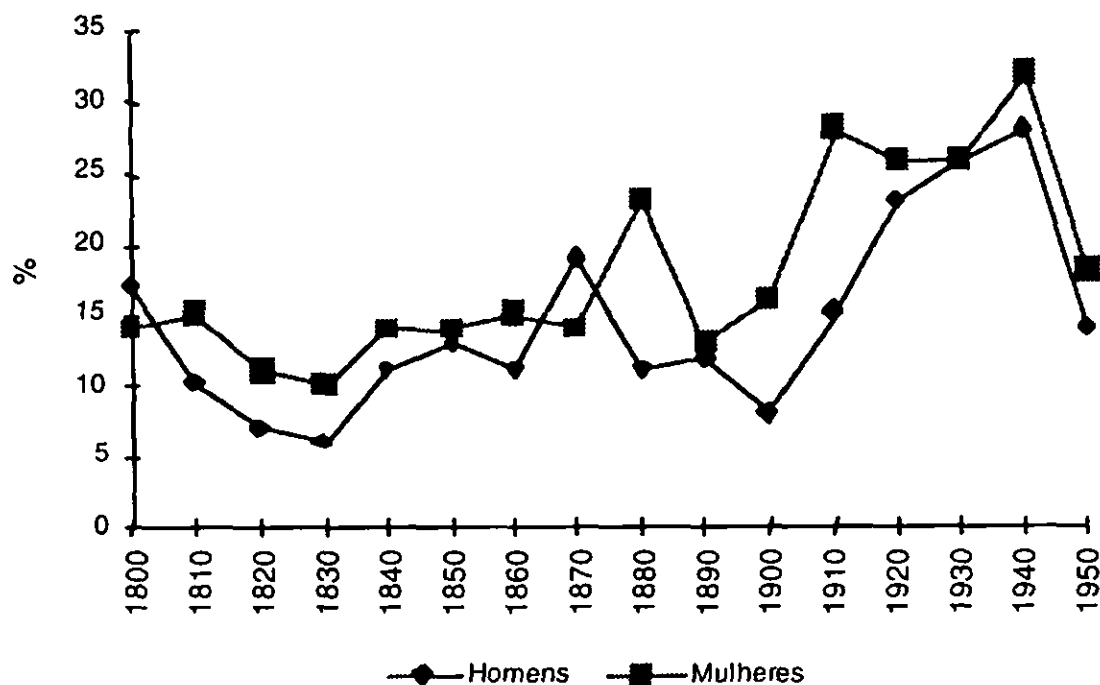


GRÁFICO 11
 Emigração dos maiores de 20 anos
 Percentagem em relação aos nascidos



cias são opostas; 3) há uma grande aproximação entre os níveis, de emigração isolada masculina e feminina, nas gerações nascidas no decénio de 1870; 4) nas gerações posteriores a 1870, embora se mantenha a superioridade das saídas masculinas, as diferenças percentuais entre os dois sexos não voltam a ser tão elevadas como nas gerações da primeira metade do século XIX.

Elevada, em todas as gerações observadas, a emigração isolada, tanto de homens como de mulheres, reflectiu-se na reposição das gerações como se pôde constatar.

As saídas femininas dão-se essencialmente num quadro familiar: abandonam a paróquia depois de terem casado ou acompanhando os pais quando têm idades inferiores aos vinte anos (apenas nas gerações nascidas nas décadas de 1820 e 1830 o número de mulheres na situação de isoladas se superioriza às restantes). Quanto à emigração masculina, se a situação de isolado é a que afasta mais homens da paróquia nas gerações de 1810 a 1860, isso já não se verifica nas gerações seguintes: aumenta a percentagem dos que partem casados e dos que acompanham os pais. Num olhar mais atento podemos ainda verificar que as gerações masculinas

nascidas até à década de 1900 foram aumentando o volume das suas saídas, enquanto dependentes, e que as nascidas nas décadas de 1910 e 1920 tiveram grandes dificuldades em emigrar (Terão sido estas gerações as que atravessaram o período em que a emigração conheceu um movimento de baixa a nível internacional).

3.3.2. A Mortalidade

Qual o comportamento desta variável e quais as repercussões nas outras variáveis?

3.3.2.1 Mortalidade infanto-juvenil

No quadro 11 apresentam-se as taxas de mortalidade dos menores de 7 anos.

QUADRO 11
Mortalidade infanto-juvenil (Mil nascidos)

Gerações	<1	0-7 anos	1-7 anos
1801-1809	78,7	219,0	150,3
1810-1819	186,0	306,3	147,2
1820-1829	112,9	202,2	98,8
1830-1839	86,3	207,0	128,8
1840-1849	79,0	188,6	115,3
1850-1859	89,7	197,1	113,0
1860-1869	153,1	210,8	64,0
1870-1879	121,8	233,2	118,6
1880-1889	144,1	212,1	76,1
1890-1899	159,5	236,1	78,2
1900-1909	104,3	159,8	46,5
1910-1919	120,4	171,6	50,6
1920-1929	79,8	118,5	41,2
1930-1939	96,4	122,9	23,6
1940-1949	86,3	118,3	29,6
1950-1959	76,9	91,4	23,1
1960-1969	59,2	79,7	7,8
1970-1979	0	14,3	14,3
1980-1993	0	17,2	17,2
1801-1993	103,0	182,9	82,2

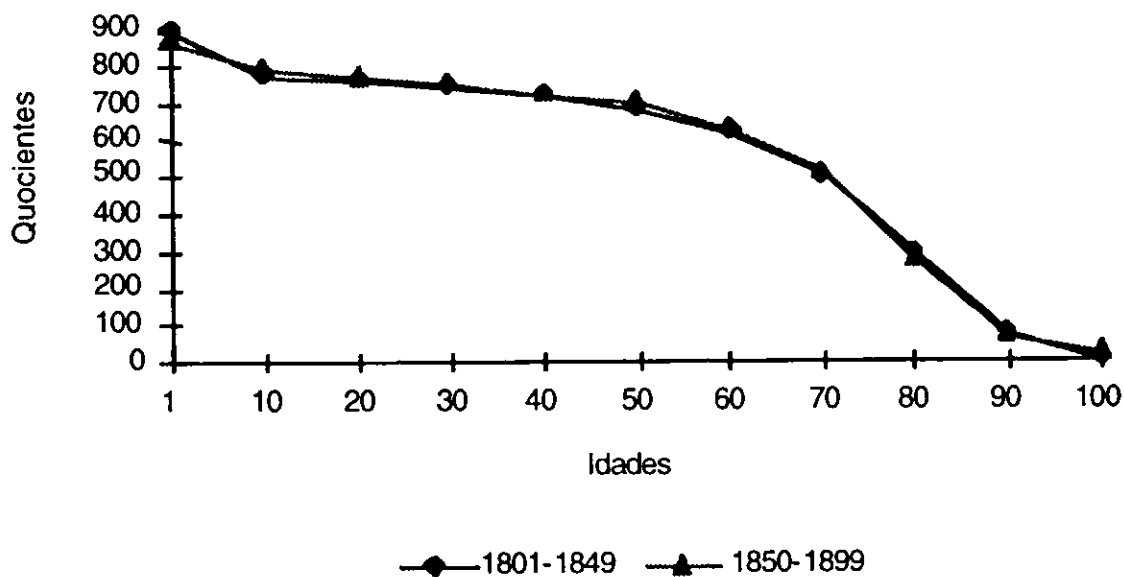
Constatamos que os maiores obstáculos à vida se encontram no primeiro ano de vida e que as taxas de mortalidade infanto-juvenil são relativamente moderadas.

3.3.2.2. Mortalidade Geral. Esperança de vida

Para o estudo da mortalidade geral seguimos o ciclo de vida completo das gerações nascidas ao longo do século XIX.

Os gráficos que se seguem permitem uma observação comparada da evolução dos comportamentos de mortalidade de dois grupos de gerações - as nascidas de 1801 a 1849 e as de 1850-1899.

GRÁFICO 12
Sobreviventes por mil nascidos
Grupos de Gerações
Sexos Reunidos



Os dois grupos descrevem um comportamento com curvas similares ao longo dos vários anos de idade. Embora o segundo grupo mostre uma sobrevivência ligeiramente superior a partir dos dez anos até aos setenta, não há um aumento nítido e significativo de sobrevivência do segundo grupo sobre o primeiro grupo de gerações.

GRÁFICO 13
Sobreviventes por mil nascidos
Grupos de Gerações
Sexo Masculino

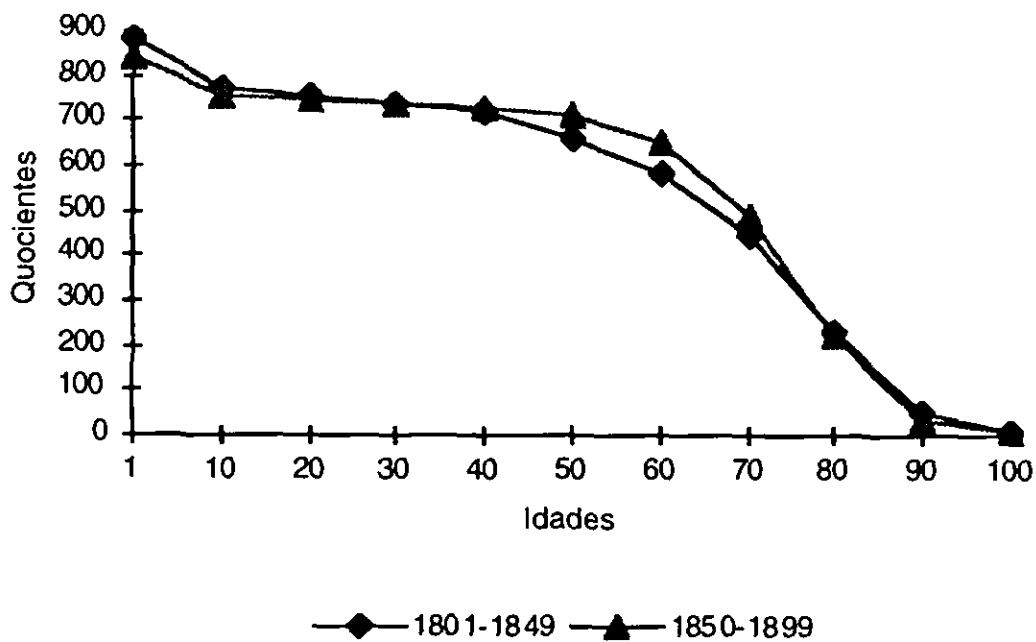
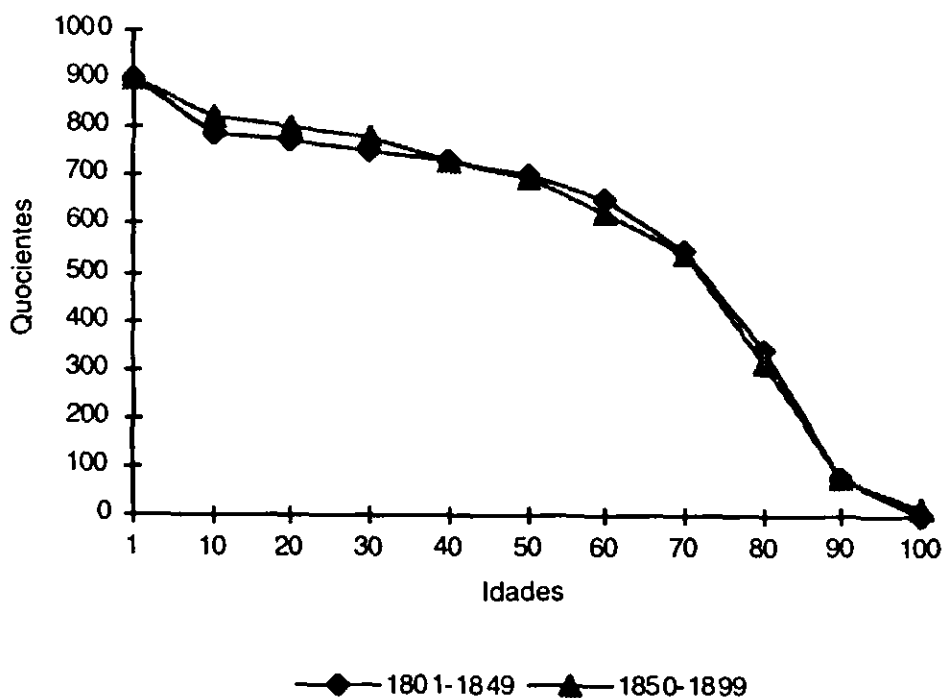
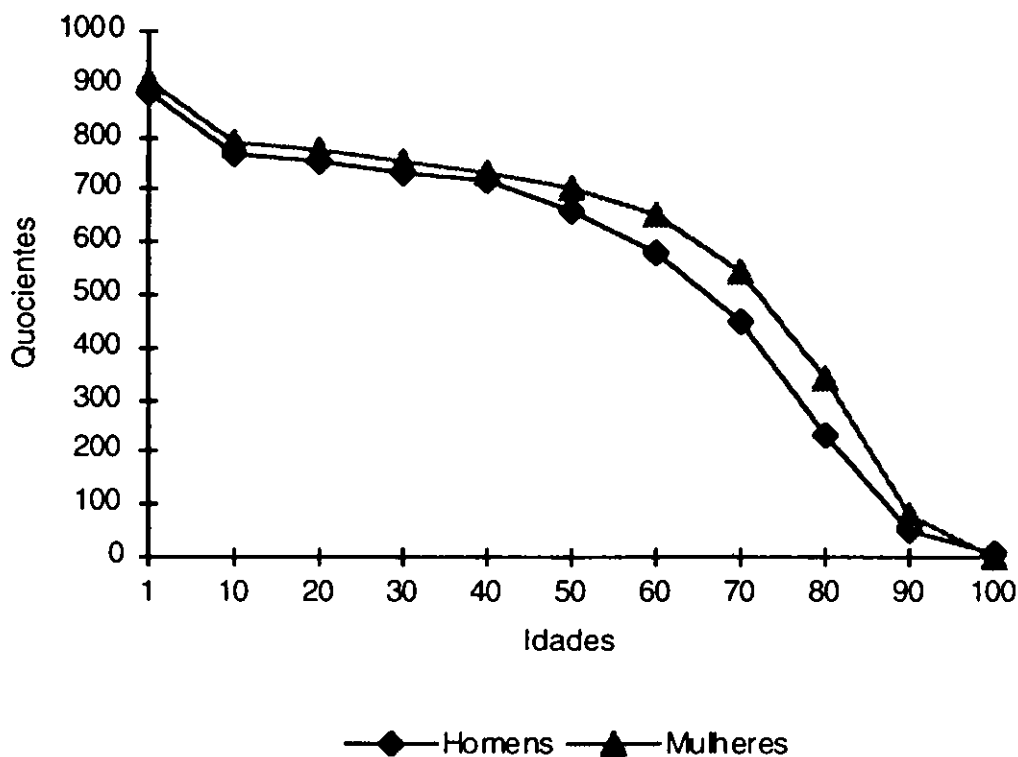


GRÁFICO 14
Sobreviventes por mil nascidos
Grupos de Gerações
Sexo Feminino



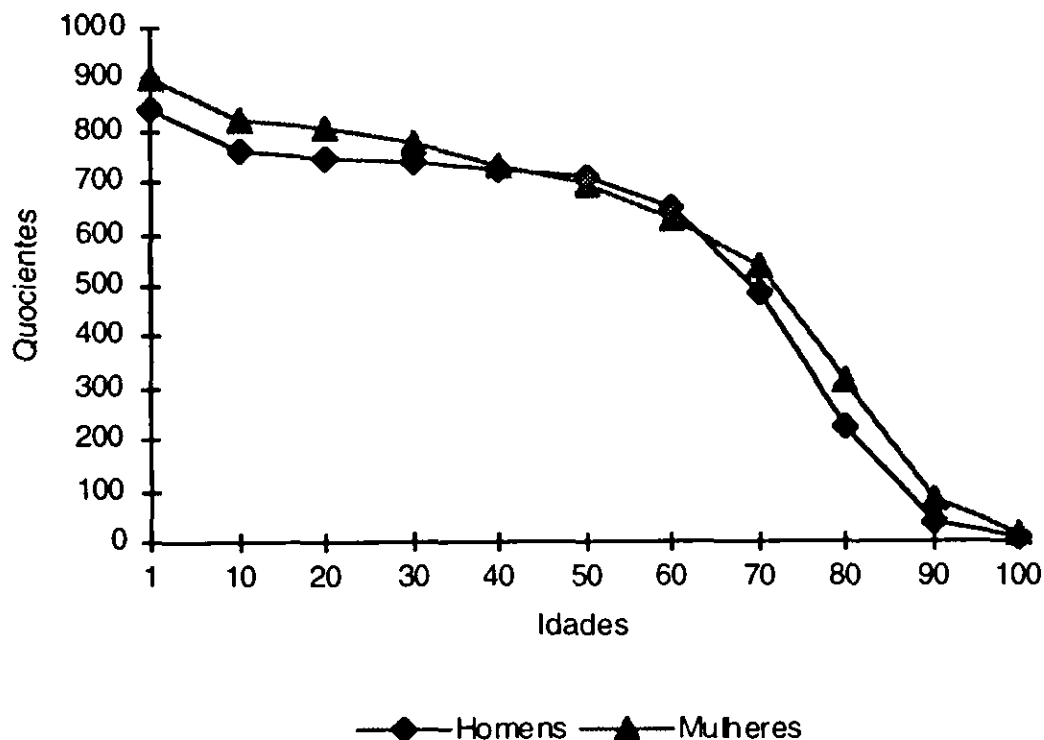
A análise por sexos mostra-nos que: 1) para o sexo masculino, até aos 20 anos de idade, a sobrevivência era mais favorável ao primeiro grupo de gerações e que a partir dos 40 anos a sobrevivência vai aumentando até aos 70 anos, idade a partir da qual o segundo grupo de gerações retorna ao mesmo nível de sobrevivência do primeiro grupo; 2) para o sexo feminino apenas se nota uma ligeira melhoria na sobrevivência do segundo grupo de gerações em relação ao primeiro antes de atingir os 30 anos de idade.

GRÁFICO 15
Sobreviventes por mil nascidos
1801-1849



Constatamos para as gerações nascidas de 1801 a 1849 uma sobrevivência do sexo feminino superior à do sexo masculino e para as gerações nascidas de 1850 a 1899 uma sobrevivência feminina maior até aos 40 anos. A partir dos 40 e até aos 60 anos há um certo equilíbrio entre os sexos mas com algum favorecimento do sexo masculino e depois dos 70 anos torna-se claramente maior a sobrevivência feminina.

GRÁFICO 16
Sobreviventes por mil nascidos
1850-1899



Ao perspectivar a mortalidade a partir dos gráficos «Esperança de vida» detectamos sempre valores elevados: no primeiro grupo de gerações são 56,12 anos para os sexos reunidos, 53,56 para o sexo masculino e 58,03 para o sexo feminino; no segundo grupo encontramos valores na ordem dos 56,68 para os sexos reunidos, 54,93 para o sexo masculino e 58,52 para o sexo feminino.

Estes valores, altos para períodos anteriores ao nosso século, não se enquadram no que se pensa ter sido a mortalidade europeia até ao século XX.

As gerações nascidas ao longo do século passado não registaram significativas melhorias, de umas em relação às outras, na sua esperança de vida. Os dois grupos de gerações mantêm praticamente os mesmos valores em todas as idades. Apenas, até aos 10 anos, as gerações de 1850-1899 mostram uma quase imperceptível melhoria em relação às gerações anteriores.

GRÁFICO 17
Esperança de Vida
Grupos de Gerações
Sexos Reunidos

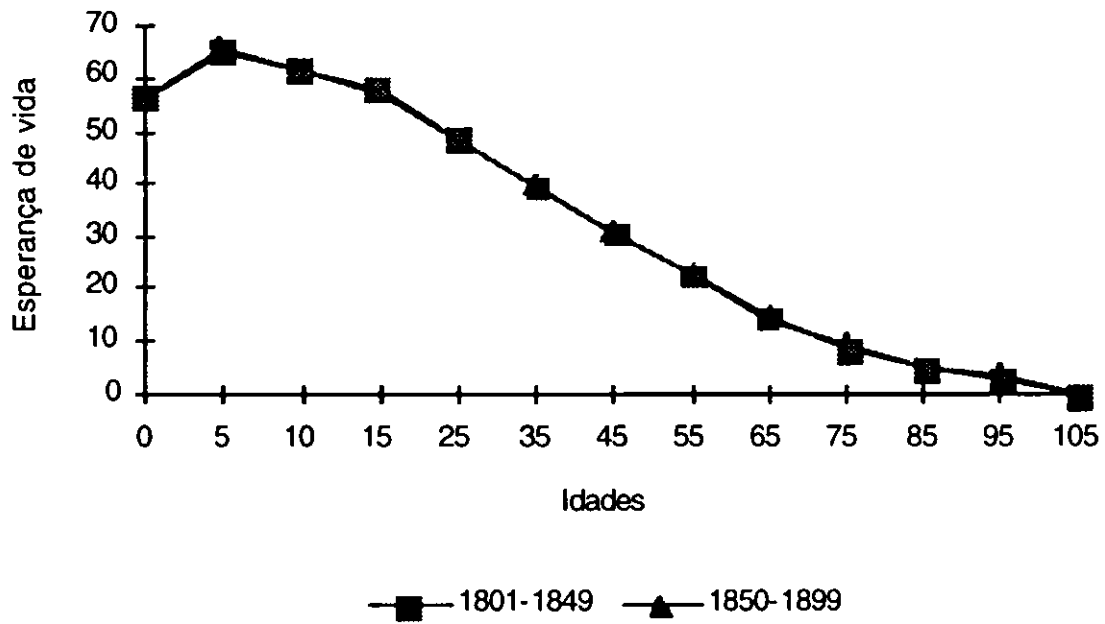
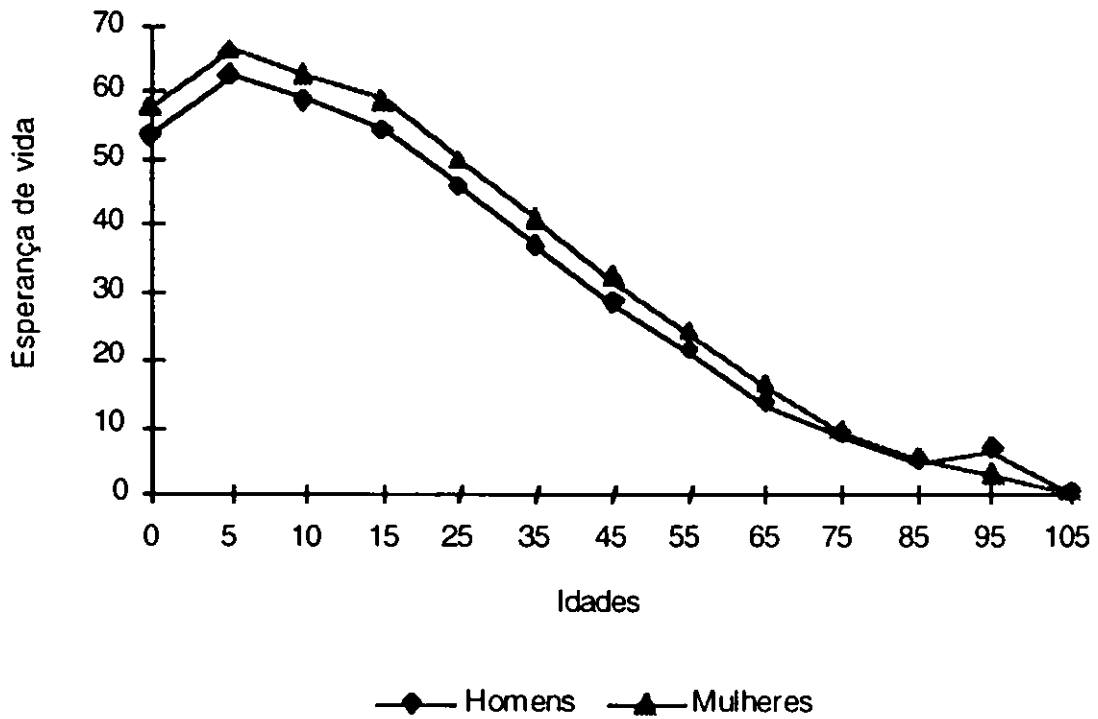
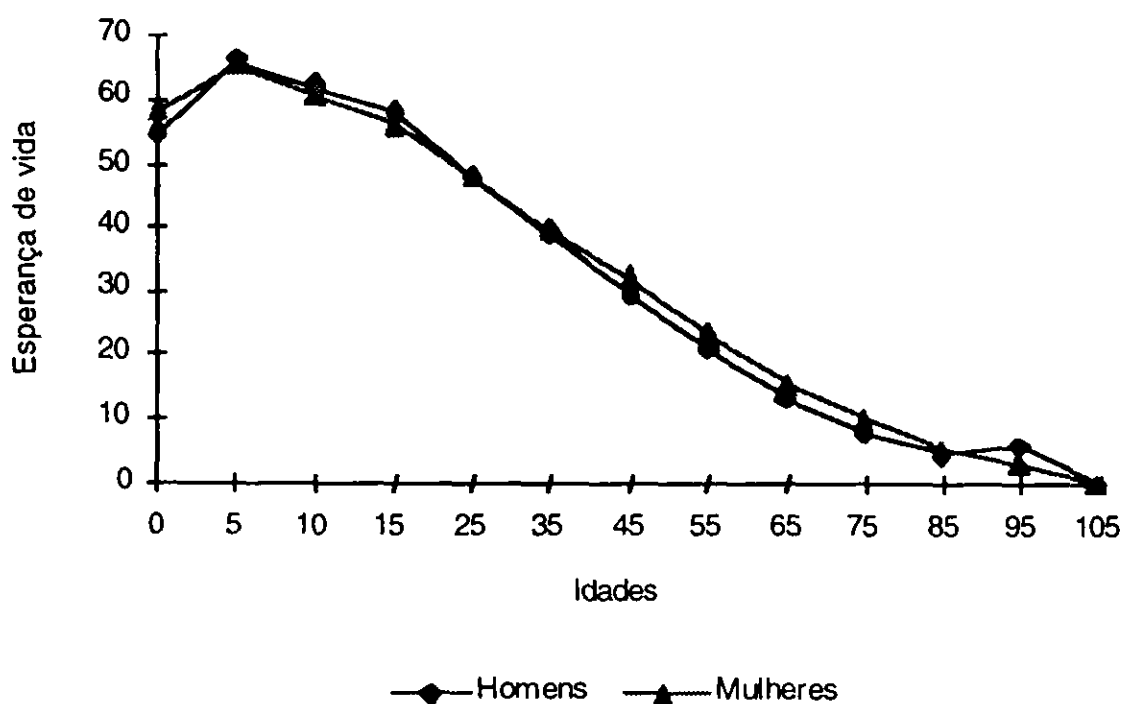


GRÁFICO 18
Esperança de Vida
Gerações nascidas de 1801 a 1849



Logo à nascença é nítida a superioridade da esperança de vida feminina em relação à masculina. Essa superioridade é mantida até aos 75 anos, idade a partir da qual o nível feminino encontra o masculino.

GRÁFICO 19
Esperança de Vida
Gerações nascidas de 1850 a 1899



A maior esperança de vida à nascença para o sexo feminino é ultrapassada a partir dos 5 anos até aos 25 anos pelo sexo masculino. Dos 25 aos 35 anos há uma aproximação para voltar a verificar-se um afastamento, a favor das mulheres, até aos 85 anos.

Em ambos os grupos de gerações se nota depois dos 85 anos uma maior esperança de vida para os homens isso reflecte o facto de a morte ser ao longo das outras idades mais impiedosa para o sexo masculino e uma vez chegados a essas idades haver sempre mais mulheres do que homens à espera da morte.

A manifesta desigualdade entre homens e mulheres que encontramos ao longo da observação não foi acompanhada por desigualdades significativas de umas gerações para outras. Dir-se-ia que no plano da morte as gerações nascidas na Criação Velha desde inícios

do século XIX haviam entrado nos comportamentos ditos «modernos», com uma esperança de vida à nascença já bastante elevada.

4. Conclusão

Da abordagem feita aos diferentes comportamentos demográficos e suas interações verificámos que: 1) a reprodução biológica se fazia normalmente num quadro de legitimidade; 2) à nupcialidade cabia um papel regulador na fase não malthusiana traduzido nas idades tardias ao primeiro casamento e nas percentagens relativamente altas do celibato, sobretudo das mulheres; 3) o papel regulador da nupcialidade tem que ser relativizado pois não impediu que o crescimento da população tivesse disparado na primeira metade do século passado; 4) no comportamento reprodutivo dos casais se distinguem duas fases: a fase não-malthusiana (até finais do século XIX) e a fase malthusiana (no nosso século). Detectou-se na fase malthusiana uma extensão gradual e progressiva das práticas contraceptivas aos diferentes grupos de idades da mulher; 5) a mortalidade, ao apresentar um comportamento «moderno» traduzido nas taxas relativamente moderadas em todas as idades acompanhadas por uma esperança de vida elevada à nascença, tem um fraco poder regulador; 6) a emigração foi a resposta encontrada por esta população para evitar a ruptura quando o crescimento levou a uma forte pressão demográfica.

Bibliografia

- AMORIM, M. Norberta B., 1991, *Uma metodologia de reconstituição de paróquias*, Universidade do Minho, Braga.
- AMORIM, M. Norberta B., 1991a, « Emigração - uma variável demográfica influente. O comportamento de gerações nascidas no Sul do Pico entre 1740 e 1890» in EIRAS ROEL, A. (coord), *Emigracion española y portuguesa a America (Actas del II Congreso de la ADEH. Alicante, Abril de 1990. Vol.1)*, Alicante, pp. 147-160.
- AMORIM, M. Norberta B., 1992, *Evolução Demográfica de Três Paróquias Do Sul do Pico-1680 - 1980*, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga.
- ARROTEIA, Jorge Carvalho, 1983, *A emigração portuguesa - suas origens e distribuição*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa.

- BAGANHA, Maria Ioannis B., 1991, «Uma imagem desfocada da emigração portuguesa e as fontes portuguesas sobre emigração» in EIRAS ROEL, A. (coord), *Emigracion española y portuguesa a America (Actas del II Congreso de la ADEH. Alicante, Abril de 1990. Vol.1)*, Alicante, pp. 161-175.
- CARRILHO, Maria J. e PEIXOTO, João, 1991, «Le Portugal» in RALLU, J. L. e BLUM, A. (eds), *Démographie Européenne. Analyse par pays*, vol. I, Paris, pp. 393-409.
- DUPÂQUIER, J., 1984, *Pour la démographie historique*, P.U.F., Paris.
- FLINN, Michael W., 1989, *El sistema demográfico europeo, 1500-1820*, Editorial Crítica, Barcelona.
- HENRY, Louis, 1988, *Técnicas de análise em demografia histórica*, Gradiva, Lisboa.
- JOÃO, Maria Isabel, 1991, *Os Açores no século XIX. Economia, Sociedade e Movimentos Autonomistas*, Edições Cosmos, Lisboa.
- LIVI-BACCI, Massimo, 1993, *Introducción a la demografía*, Editorial Ariel, Barcelona.
- MACEDO, António Lourenço da Silveira, 1981, *História das quatro ilhas que formam o distrito da Horta*, Fac-símile da edição de 1871, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Angra do Heroísmo.
- MARCILIO, Maria Luiza, (org), 1977, *Demografia Histórica*, Novos Umbrais, S. Paulo.
- MESQUITA, Maria Hermínia Morais, 1995, *Evolução Demográfica na Criação Velha, Paróquia do Sul do Pico (1801-1993)*, Tese de Mestrado policopiada, Universidade do Minho, Braga.
- NAZARETH, J. Manuel, 1988, *Princípios e métodos de análise em demografia portuguesa*, Editorial Presença, Lisboa.
- PEREIRA, Miriam Halpern, 1981, *A Política Portuguesa de Emigração, 1850-1930*, Edições A Regra do Jogo, Lda, Lisboa.
- RALLU, J. L. e BLUM, A. (eds), 1991, *Démographie Européenne. Analyse par pays*, vol I, Paris.
- ROCHA, Gilberta Pavão Nunes, 1991, *Dinâmica Populacional dos Açores no Século XX, Unidade. Permanência. Diversidade*, Universidade dos Açores, Ponta Delgada.
- ROWLAND, Robert, 1993, «Microanálise e regimes demográficos», versão provisória apresentada no *III Congresso da ADEH, Abril de 1993*, Braga.
- SCOTT, Ana Silvia Volpi, 1994, «Reconstituição de Famílias e Reconstituição de Paróquias. Uma comparação metodológica» in REHER, David (coord.) *Reconstituição de Famílias e Outros Métodos Microanalíticos para a História das Populações. Estado Actual e Perspectivas para o Futuro, Actas do III Congresso da ADEH, Vol. 1*, Biblioteca das Ciências do Homem, Edições Afrontamento.

- SERRÃO, Joel, 1982, *A emigração portuguesa*, 4ª edição, Livros Horizonte, Lisboa.
- TAPINOS, Georges, 1976, *Éléments de démographie. Analyse, déterminants socio-économiques et histoire des population*, Armand Colin, Paris.
- WRIGLEY, E. A., 1985, *Historia y población. Introducción a la demografía histórica*, Editorial Crítica, Barcelona.